

# As práticas heréticas frente ao repúdio eclesiástico durante a Baixa Idade Média

*Alexandre Firmo dos Santos*

Universidade Federal de Sergipe  
São Cristóvão - Sergipe - Brasil  
alexandre.firmo.98@outlook.com

---

**Resumo:** As heresias surgidas nos séculos XII e XIII, período que está inserido na Baixa Idade Média, são fenômenos que põe em questão o poder espiritual da Igreja, que decidiu tomar algumas medidas que iam desde o uso das escrituras sagradas até a projeção de conflitos bélicos para conter os seus avanços e preservar sua integridade. A partir do entendimento de Nachman Falbel e Hilaire Belloc sobre o conceito e algumas exemplificações de correntes heréticas passamos a compreender sua amplitude. De igual modo, são as análises feitas a partir dos aportes teóricos no tocante ao poderio e esplendor da Igreja, bem como sua reação contra os movimentos heréticos que direcionarão a assimilação deste artigo. Portanto, busca-se compreender todo esse enredo das diversas facetas que compõem a espiritualidade medieval.

**Palavras-chave:** Heresia. Igreja. Baixa Idade Média.

---

## Introdução

Neste artigo será proposto a análise de algumas vertentes espirituais que foram consideradas, pela ótica da Igreja no período medieval, como doutrinas heréticas articuladas ainda por volta dos séculos XII e XIII. Doutrinas essas que foram elucubradas no âmago da cristandade da época, as quais consagrariam alguns ditos líderes destes movimentos em que tentaram introjetar os seus ensinamentos que, em boa parte, distorcia o conjunto litúrgico vigente, situação essa que desencadearia diversos empecilhos a Eclésia.

É de grande valia ter em mente o contexto histórico em que serão percorridas algumas das práticas heréticas nos períodos que compreendem os séculos XII e XIII, que podem ser entendidos como os “séculos heréticos”. Concomitantemente, será explorado neste artigo um exímio exemplo de um monarca que foi perspicaz e imponente no combate às ordens espirituais subversivas deste período.

Dentre as diversas heresias surgidas, principalmente, no século XII, há de se destacar os cátaros, os valdenses e algumas outras tendências heréticas que receberão atenção neste artigo quanto a suas características doutrinárias. Vale ressaltar que é compreendendo o conceito de heresia e também os desdobramentos eclesiásticos contra

as retaliações impostas pelas correntes subversivas aos dogmas da Igreja que impulsionarão a assimilação desta temática. Os métodos qualitativos utilizados foram embasados a partir do cotejamento de autores como Hilaire Belloc (2009), Nachman Falbel (1976), Johan Huizinga (2006), Cláudio Vicentino (1997), Régine Pernoud (1997), André Vauchez (1995), Jacques Le Goff (1994), José D'Assunção Barros (2012), Henry R. Loyn (1997), Tatiane Leal Barbosa (2019) e Rosana Brito da Cruz (2015), além das análises informativas que constam nas bases do Instituto Cristão de Pesquisas.

## **A Igreja Medieval e o seu esplendor**

A Igreja surge como um elemento decisivo desde sua aparição no Alto Império Romano e foi ganhando espaço mesmo havendo diversos obstáculos. Estes, no entanto, não conseguiram impedir o avanço das ideias apregoadas pelos mensageiros das boas novas. Ao longo do Império Romano houve uma propagação do cristianismo através dos apóstolos de Jesus Cristo, geralmente alcançando os mais desfavorecidos daquela sociedade que viam nessa proposta uma nova e tentadora oportunidade de terem uma vida melhor. No entanto, estas ideias cristãs colidiam com algumas práticas que estruturavam o Império Romano, a saber: sistema escravista, culto aos imperadores e a ideia de igualdade. Alguns imperadores começaram a perseguir as comunidades cristãs estabelecidas dentro do Império Romano, causando uma intensa matança que duraria quase quatro séculos.

Conforme Vicentino (1997, p. 129), somente “no início do século IV, o cristianismo já se afirmara como a religião mais popular do Império Romano [...]”. Em 313, o imperador Constantino concedeu liberdade de culto aos cristãos, iniciando-se então uma política favorável à nova religião”. Novos ares começaram a soprar a favor do cristianismo que, mais tarde, alçariam voos altivos na conquista de mais adeptos à essa nova religião. Aos poucos a Igreja foi ganhando corpo, primeiramente formulando o que viria a ser a doutrina na qual orientaria os fiéis e algumas das ações realizadas pelos clérigos. Vicentino (1997, p. 129) ainda declara que “a união entre o Estado e a Igreja culminou com o Concílio de Nicéia, realizado em 325. Esse concílio, presidido por Constantino, tinha por finalidade preservar a unidade da Igreja [...]”, isto é, mantê-la intacta contra o avanço do paganismo e da proliferação das correntes heréticas que ameaçavam sua integridade.

No início da Idade Média, a Igreja teve como função principal a conversão dos bárbaros e sua integração com os romanos, ganhando com isso crescente prestígio e assumindo nos novos reinos constituídos diversas atribuições políticas, administrativas e culturais, além do controle espiritual (VICENTINO, 1997, p.130).

A Igreja medieval tinha uma organização bem clara, era constituída por paróquias sob as orientações de um padre; por uma diocese, que é liderada por um bispo, sendo seguidas de uma arquidiocese, dirigida por um arcebispo e, no topo tinha-se o papa que é o chefe da Igreja. No que se refere à organização da Igreja medieval cabe aqui destacar o surgimento das ordens religiosas que serviram como resposta ao clero secular<sup>1</sup>, àqueles membros que compunham estas ordens<sup>2</sup> se comprometiam a fazerem votos de pobreza, castidade, além de viverem enclausurados em mosteiros.

É inegável dizer que a Igreja medieval construiu um poderio tanto material quanto espiritual ao longo do tempo, mas isso não aconteceria do nada ou da noite para o dia. Existem alguns mecanismos que contribuíram com o seu enriquecimento, um deles é a acumulação de bens materiais e posses de terras por parte de alguns clérigos seculares que se dispunham a desvirtuar-se dos propósitos doutrinários estabelecidos pela Igreja. Ao passo que esses clérigos iam tendo contato com o mundo secular e tudo que estava ao seu redor, garantiriam uma riqueza quase que infindável aos membros e à própria instituição. Um outro mecanismo utilizado pela Igreja era a doação<sup>3</sup> de bens materiais que vinham de ricos aristocratas como também dos imperadores, contribuindo com a abastança da fortuna e do patrimônio clerical. Vale ressaltar que no conjunto de elementos que demonstra a imponência da Igreja<sup>4</sup> destaca-se, também, a arquitetura como uma forma de expressão desse poder dominante no período medieval.

Tratando-se de poder espiritual a Igreja medieval controlava a vida social das pessoas normatizando as suas condutas e os seus afazeres, ensinando o que havia de ser pecaminoso e em um mundo completamente cristão, era de se esperar que o medo assolasse os fiéis, pois estes preocupavam-se mais com o porvir, isto é, o que os esperavam no pós-morte do que com o imanente. Para a Igreja havia a crença no inferno e esta era mais uma das ferramentas que atemorizavam os fiéis, uma vez que se

---

<sup>1</sup> Do latim '*saeculum*', significa mundo. Eram membros da Igreja ligados ao mundo e as coisas materiais. Que haviam se corrompido e estavam distantes dos reais propósitos doutrinários (VICENTINO, 1997).

<sup>2</sup> Eram inseridos no clero regular, do latim '*regula*', que significa "regras" (VICENTINO, 1997).

<sup>3</sup> O patrimônio eclesiástico era abastecido não só por doações, mas também dízimos. Estes mecanismos geralmente não eram fiscalizados o que acarretava no enriquecimento da Igreja medieval (SOUZA, 1999).

<sup>4</sup> "O poder financeiro e cultural permitiu uma independência da Igreja Cristã em relação ao Estado e colocou-a em uma situação que superou a ideia de uma simples instituição" (OLIVEIRA, 2011, p. 313).

encontravam envoltos de regramentos e regulamentações que serviam como um impeditivo para que não pecassem e fossem condenados. A mentalidade era fomentada pela doutrina e pelos ensinamentos que corroboram no controle da sociedade no medievo.

O poder espiritual poderia esbarrar no poder temporal, visto que até então não havia um limite entre os mesmos, portanto chegaria um determinado momento em que essa situação se desgastaria. “Daí esta complexidade da sociedade medieval, tanto civil como religiosa. Domínio espiritual e domínio temporal, [...] aos quais se tentou definir os limites respectivos [...]” (PERNOUD, 1997, p. 82), o autor destaca um cenário que de fato permeou o período medieval: o conflito de interesses que protagonizaram a ausência de um entendimento entre as partes.

Semelhante ordem era inseparável de perigos; as lutas do Sacerdócio e do Império provam que esta separação muito delicada a fazer entre o reino de Deus e o de César não foi sempre realizada na perfeição: houve usurpações de ambas as partes; a questão das Investiduras<sup>5</sup>, em particular, torna públicas as pretensões dos imperadores em se imiscuir em questões dependentes da hierarquia eclesiástica (PERNOUD, 1997, p. 83).

Pode-se concluir que os interesses moldavam as ações tanto dos sacerdotes como também dos reis ou dos chefes locais, mas o foco aqui é o corpo sacerdotal que carrega consigo uma responsabilidade e o dever de prezar pela santidade dentro do templo. Mas é o que Pernoud (1997, p. 83) destaca ao referir-se que “[...] a Igreja nem sempre soube se defender das cobiças materiais que são para ela a mais temível das tentações. É a grave censura que se pode fazer ao clero medieval [...]”, alguns desses desejos serviriam de motivação para que algumas correntes heréticas atacassem à Igreja devido a opulência clerical. Sendo assim, a Igreja medieval se instituiu como uma organização regulada e regularizadora da vida social que, em algumas oportunidades, dava brecha para que todo seu conjunto doutrinário fosse colocado em xeque pelos heresiarcas que encontravam nela mesma as próprias fraquezas.

### **A questão do conceito de Heresia: os aportes teóricos quanto ao tema**

Quando se trata de heresia logo vem à mente a ideia de que esta é uma temática ultrapassada e retoma-la seria algo sem sentido ou fundamento. Contudo este termo

---

<sup>5</sup> “Designação adotada para a grande crise que assolou as relações entre Império e Papado, e, na verdade, entre a Igreja e o Estado de um modo geral, no período que vai de 1075 a 1122 na Europa ocidental” (LOYN, 1997, s/p).

pode ser usado, em nossos dias, com várias definições sem necessariamente obter-se uma exatidão. “Por conseguinte, pensa-se que a heresia carece de interesse contemporâneo. O interesse nela está morto, porque trata de assuntos que ninguém leva a sério atualmente” (BELLOC, 2009, p. 13), em outras palavras, seria necessário ter um pouco de empatia com o próprio termo, pois somente dessa maneira extirparia todo entrave oriundo de uma opinião antecipada.

Percebe-se o quão complexo é debater sobre o real significado da palavra heresia, uma vez que esta, popularmente, pode ser entendida como uma mentira ou um disparate. E não está errado pensar o termo nesse sentido, errado seria olha-lo apenas por essa perspectiva, o que estaria em descompasso com os diversos significados atribuídos ao vocábulo. Lembrando que o sentido da palavra heresia vai muito além de um sentido popular, figurado ou qualquer outro que ela possua, pois, o termo abrange outras discussões, sobretudo, aquelas de caráter religioso.

Mas afinal, o que vem a ser heresia? De antemão abordarei sobre esse termo em seu sentido mais convencional como Falbel (1976, p. 13), que explica como “a palavra heresia [...] acompanhou a vida da Igreja desde os inícios, e para os escritores eclesiásticos o termo designava uma doutrina contrária aos princípios da fé oficialmente declarada”. Portanto, leva-se em consideração o sentido mais comum que a palavra possui, até porque os dicionários apontam uma definição com um teor religioso que se constitui uma doutrina em oposição a um ideal vigorante estabelecido pela Igreja. “As heresias tem sido uma temática muito discutida por diferentes autores, principalmente com o advento de novas modalidades historiográficas” (CRUZ, 2015, p. 149). Pode-se dizer então que estudiosos de outras áreas do conhecimento passaram a se interessar pelo assunto. É o que Barros (2012) denomina como uma “interdisciplinaridade” em prol de um interesse: o estudo das heresias.

Ainda sobre a conceituação do termo heresia<sup>6</sup>, vale destacar a observação feita por Belloc (2009, p. 14), o qual declara que “heresia significa, então, distorcer um sistema por meio de uma ‘omissão’: ‘escolhendo-se’ uma parte da estrutura”. Se partirmos desse pressuposto, podemos inferir que aquele que escolhe apenas uma parte do todo desconsidera o restante, apesar de isso parecer óbvio esta inclinação trará diversos

---

<sup>6</sup> A heresia é um assunto que deveria interessar a humanidade, pois está ligada à religião, ou melhor, a alguma crença. Portanto, eis aí um tema que é pouco abordado, mas este se encontra em uma condição que contribui para o desenvolvimento da sociedade humana (BELLOC, 2009).

enfrentamentos teológicos e até bélicos entre a Igreja e algumas vertentes heréticas. Estes momentos serão percorridos ao longo dessa produção textual.

### As fontes heréticas

Cabe aqui compreendermos não só as origens das heresias como também os relatos sobre estas vertentes espirituais, embora estas descrições proferidas por membros da Igreja e até por aqueles a serviço dela foram substanciais para tornar mais amplo as informações sobre os movimentos heréticos e seus sequazes. O que sabemos sobre as heresias medievais provém de crônicas monásticas, de processos inquisitoriais e judiciais, entre outras fontes que tratam dessa temática. No que se refere aos processos inquisitoriais, tem-se o exemplar mais famoso sobre o assunto, diga-se de passagem, refiro-me ao manual intitulado de *Prática da Inquisição*, de autoria de Bernardo Guy<sup>7</sup>, no qual ele descrevia o desenrolar de um tribunal inquisitorial, sobretudo atentava-se aos dizeres dos supostos acusados de práticas heréticas, sendo decisivos em sua penalização ou absolvição.

No entanto, já ficou claro que os processos inquisitoriais não eram os únicos pontos originários sobre as heresias. A própria Igreja produzia os seus documentos oficiais a respeito dos heresiarcas e de suas práticas subversivas, como afirma Barros (2012, p. 46), havia “a abundância de fontes sobre as heresias produzidas no âmbito da Igreja oficial, em oposição desproporcional às poucas fontes que nos chegaram provenientes dos próprios movimentos heréticos [...]”. Por outro lado, a questão é que dessa maneira sobressaía-se a visão clerical em detrimento da dos heresiarcas. Sendo assim, compreenderíamos apenas a ótica eclesiástica sobre hereges uma vez que este compêndio informacional produzido no âmbito da Igreja certamente apresentaria justificativas que sustentavam todo um conjunto que demonizava os movimentos heréticos.

Um outro ponto a ser percorrido é a maneira pela qual surgiram estas vertentes espirituais. Porém analisaremos algumas dessas formas erigidas no enredo da espiritualidade medieval. Muitos hereges formularam suas teorias a partir da interpretação pessoal das escrituras sagradas, como por exemplo Pedro Valdo; outros

---

<sup>7</sup> Bernardo Guy produziu esse manual por volta de 1325, sendo este uma espécie de compilado de escritos fornecidos por autores que o antecederam (LOYN, 1997, s/p).

idealizavam suas objeções contra a Igreja com um caráter político-social, como é o caso de Arnaldo de Brescia<sup>8</sup>.

A proveniência de uma teoria herética poderia surgir de múltiplas formas e isso já ficou evidente. Contudo, a partir do sonho também poderia ser formulada algumas das idealizações contra a Igreja<sup>9</sup>, isto é, haviam hereges que ao sonharem diziam ter contato com o que posteriormente seriam as doutrinas da nova opção espiritual. E como se não bastasse os elementos oníricos que fundamentavam teorias, estes passaram a ser mal vistos pela Igreja que, por sua vez, tentou regulamentar não só a vida dos fiéis como também os seus sonhos.

Mas, quando o cristianismo se tornou religião tolerada e, depois, oficial, a hierarquia eclesiástica fez questão de vigiar cada vez mais a vida religiosa dos fiéis e procurou, em particular, canalizar ou evitar os contactos directos – sem a sua mediação – dos fiéis com Deus. O sonho era suspeito porque curto-circuitava a intermediação eclesiástica nas relações dos fiéis com o seu Deus (LE GOFF, 1994, p. 311).

Seja lá qual fosse a fonte geradora de teorias heréticas e de documentos sobre as heresias, apesar da obviedade o importante é ter em mente que estes eram produzidos com alguma finalidade. No caso das teorias heréticas tinha-se a pretensão de se opor à ortodoxia eclesiástica; agora, no caso da Igreja, os documentos produzidos em âmbito clerical tinham o intuito de catalogar as heresias e os seus líderes para que ficassem sob sua vigilância, uma espécie de “sistema” de controle destes movimentos.

### **A Heresia Medieval: um fenômeno repleto de alternativas espirituais**

As heresias já existiam desde a antiguidade e estas eram solidificadas em teorias ou posturas filosóficas que, diga-se de passagem, são inovadoras para a época, contudo ganhou muitos adeptos e também vários questionamentos por parte dos primeiros cristãos. Apenas a título de exemplo, tem-se o gnosticismo – que, em linhas gerais, significa conhecimento – que como tantas outras correntes heréticas desse período apregoava novos ensinamentos em prol de uma adesão significativa de pessoas que se

---

<sup>8</sup> A corrente herética proposta por Arnaldo de Brescia pautava-se por uma idealização, cujo propósito era uma reforma eclesiástica. Em seu favor pesava a sua conduta moral, na qual garantia uma certa admiração por parte das pessoas que ouviam suas retóricas (FALBEL, 1976).

<sup>9</sup> Gerson não dava importância às visões e revelações em voga no seu tempo, nem mesmo às de Brígida da Suécia e de Catarina de Siena. Tinha ouvido tantas histórias daquele gênero que perdera toda a confiança nelas. Gerson conhecia as relações que existiam entre os jejuns e as alucinações, e entrevistou o papel que o jejum desempenhava na prática da magia (HUIZINGA, 2006, p. 144).

interessassem pelo discurso e se dispusessem a segui-lo. Muito embora estas ordens espirituais tenham recebido o repúdio da Igreja primitiva não foi o suficiente para contê-las, perpassando, assim, muitas das suas doutrinas até os nossos dias.

Esse recuo no tempo é salutar para o entendimento da proposta apresentada neste artigo. Visto isso, constata-se que os heresiarcas já propunham novas sugestões de crença e de igual modo a própria Igreja se impunha para defender sua integridade. Não seria diferente para com as heresias surgidas nos séculos XII e XIII, embora elas possuíssem concepções distintas daquelas que despontaram na antiguidade, também acabaram sendo sufocadas, seja pelo uso da palavra proferida pelos apologistas da Igreja, seja, em casos específicos, pelo conflito bélico.

“As atitudes em relação à heresia, assim como, na verdade, à rigorosa interpretação da ortodoxia, variaram de época para época no seio da Igreja cristã” (LOYN, 1997, p. 458). Nem todas as heresias foram tratadas da mesma maneira pelo corpo eclesiástico, algumas passaram a receber uma atenção maior devido ao seu alto grau de ameaça para a integridade da Igreja, como é o caso dos cátaros; outras já não receberam as mesmas ponderações. No que tange às correntes heterodoxas, isto é, correntes que se opunham a um determinado padrão, havia um distanciamento teológico e espiritual se compararmos com as bases doutrinárias da Igreja cristã que em um determinado momento teve que reformular o conjunto dogmático, pois objetivava-se corrigir algumas vicissitudes dos clérigos que maculavam a índole da comunidade cristã.

“Se alguém for catalogar as heresias marcantes da longa história da cristandade, a lista seria infinita. Elas se dividem e se subdividem, existem em várias escalas, variam do local para o geral” (BELLOC, 2009, p.18). A multiplicidade de correntes heréticas surgidas, principalmente, nos séculos citados anteriormente é inimaginável, pois cada uma surge com suas próprias características, as quais partem de um pressuposto comum: criticam as bases da ortodoxia estabelecida pelo corpo eclesiástico como elementos absolutos. Aqui vale abordar alguns traços que fundamentaram as diferentes heresias medievais que “nasceram” nos séculos XII e XIII, a saber: anticlericalismo; espiritualismo extremista; criticidade à riqueza e ao poder da Igreja; criticidade de cunho político-social, etc.

As primeiras heresias distinguem-se das que ocorreram nos séculos XII e XIII pelo seu caráter puramente filosófico e teológico que fazia especulação racional em torno dos princípios ou dogmas cristãos, em geral planos do pensamento que tratavam da Trindade, da natureza divina e humana de Cristo e da própria relação existente entre ambas, bem como de questões ligadas à essência da divindade. Porém, o que caracteriza as heresias posteriores, isto é,



as da Baixa Idade Média, é o seu cunho popular assentado sobre uma nova visão ética da instituição eclesiástica e do cristianismo como religião vigente na sociedade ocidental (FALBEL, 1976, p. 13).

Pensando assim discorrerei um pouco sobre algumas das heresias medievais mencionadas no princípio desse artigo. Começamos analisando o caso dos cátaros. Estes disseminaram teorias repletas de paradoxos em que retratavam elementos incombináveis como parte de sua doutrina. Isso ficará mais explícito nas palavras de Falbel (1976, p. 53): “[...] a base da doutrina cátara encerra o eterno mistério da coexistência e da relação entre o perfeito e o imperfeito [...], o espírito e a matéria. Procurando conciliar o inconciliável [...]”, logo pode-se observar que tudo quanto fosse terreno deveria ser desprezado em nome da purificação da alma<sup>10</sup> que ocorreria ainda na terra. Então, por exemplo, ter filhos era algo quase que abominável porque ia de encontro aos ensinamentos albigenses.

Uma questão que poderia ser levantada aqui é: como a mulher era vista por essa comunidade cátara? Para responder a esse inquérito se faz necessário analisar, mais uma vez, a declaração de Falbel (1976, p. 55). Para ele “a mulher era um perigo permanente, e se fosse tocada, mesmo involuntariamente, expunha o Perfeito ao jejum [...]”. A concubina era mais aceita do que a mulher casada [...], é de bom alvitre destacar que a procriação é considerada um “crime” da carne como destaca o autor, pois tal ato era fruto do casamento<sup>11</sup>. Havia um conjunto de restrições para que alguém se tornasse um membro da Igreja Cátara. Para tal inserção este indivíduo passaria por uma série de ensinamentos<sup>12</sup>, somente assim ele deixaria a condição de noviço que é uma espécie de estágio inicial.

Outro ponto referente aos cátaros a ser tratado é a distinção entre os Perfeitos e os Crentes. Os Perfeitos eram os únicos que recebiam o *consolamentum*<sup>13</sup> e, portanto, tornam-se membros da Igreja Cátara após aprenderem e assimilarem a doutrina por completo, deixando assim de ser um neófito. Em seguida, estes recebem a companhia de um outro Perfeito o qual se responsabiliza pelos mesmos. Após concluir esse processo, o

---

<sup>10</sup> De acordo com a doutrina cátara, o deus-bem triunfará sobre o deus-mal e consequentemente todos os homens serão, por certo, salvos, pois o triunfo de Deus sobre Satã não poderia ser completo enquanto a última criatura deste não abandonasse o seu invólucro carnal, para alcançar o seu lugar no seio da milícia celeste. Para eles, não havia inferno ou Purgatório, pois, o impuro não poderia aproximar-se do deus-bem e penetrar no reino supraterrrestre (FALBEL, 1976, p. 55).

<sup>11</sup> Os cátaros demonizavam o casamento, por isso era preferível a castidade (FALBEL, 1976).

<sup>12</sup> Estes ensinamentos tinham uma durabilidade, alguns eram ministrados de um a dois anos, a princípio, eles são de suma importância para os novos membros desta corrente espiritual (FALBEL, 1976).

<sup>13</sup> “Era pelo *consolamentum* que uma pessoa se tornava um Perfeito, um puro, e entrava realmente na Igreja Cátara” (FALBEL, 1976, p. 56).

novo membro recebia o Paracleto consolador<sup>14</sup> em sua alma. “Seu desejo era abandonar o corpo satânico para sua alma poder subir ao céu a fim de encontrar seu corpo celeste e se tornar novamente um anjo de Deus” (FALBEL, 1976, p. 57), tudo isso faz parte do propósito dessa corrente herética, isto é, desvencilhar-se de tudo que é terreno e material, pois estará fadado a viver em desacordo com sua doutrina. A mulher poderia passar pelo mesmo ritual cátaro, mas a cerimônia para que fossem “consoladas” é descrita da seguinte forma por Falbel (1976, p. 57): “quando o novo Perfeito já havia recebido a vestimenta, o oficiante dava-lhe o beijo da paz [...]. Quando se tratava de uma mulher, o oficiante contentava-se em tocar sua espádua com o ‘Texto’<sup>15</sup>.”

Diferentemente dos deveres destinados aos Perfeitos, os Crentes até que detinham uma certa liberdade por não possuírem o que Falbel (1976) denomina como “obrigações religiosas” a serem cumpridas. Assim como os Perfeitos, os Crentes possuíam alguns rituais específicos, a saber: o *melioramentum*<sup>16</sup> e o *apareliamentum*<sup>17</sup> - o primeiro ritual era obrigatório, enquanto que o segundo era facultativo, embora os Crentes pudessem fazer o *consolamentum* desde que estivessem à beira da morte. Claro que havia situações extremas como descreve Falbel (1976, p. 59):

E atinham-se ao princípio de que o enfermo deveria solicitar o *consolamentum*, e fazê-lo de viva voz. Pelo fato dos mudos não poderem fazê-lo ou dos moribundos não conseguirem articular as palavras, os Perfeitos criaram a *convenientia*. Era uma promessa solene que o Crente fazia em bom estado de saúde, comprometendo-se a receber o *consolamentum*, se estivesse prestes a morrer. A *convenientia* correspondia a um verdadeiro ingresso na seita e era dada aos Crentes que fossem inteiramente dignos de confiança.

Ainda sobre a doutrina cátara cabe aqui enfatizar alguns outros aspectos idealizados por seus líderes através das suas respectivas interpretações sobre o Velho Testamento. As leituras feitas dessas passagens eram de maneira literal, isto é, eles cumpriam à risca o que estava escrito. Eram totalmente contrários aos sacramentos praticados na Igreja Católica, ao símbolo da cruz, aos cemitérios, às relíquias e ao clero. Sendo assim, os Perfeitos tinham uma espécie de “missão” para retirar os fiéis que ainda

---

<sup>14</sup> Equivalente ao Espírito Santo apregoado na Igreja Católica (FALBEL, 1976).

<sup>15</sup> Refere-se ao Evangelho de São João que fazia parte do ritual (FALBEL, 1976).

<sup>16</sup> “Todo Crente, na presença de um Perfeito, deveria ‘adorá-lo’ [...]. Este rito consistia em prostrar-se diante do Perfeito, inclinar-se três vezes e solicitar por uma fórmula tradicional a sua bênção” (FALBEL, 1976, p. 58).

<sup>17</sup> Era um curso presidido por um Perfeito, os Crentes faziam publicamente uma confissão e imploravam o perdão. Essa prática assemelhava-se a confissão do cristianismo primitivo. Dentre as várias exigências estabelecidas se encontrava uma em que o Crente fazia a leitura de uma fórmula, na qual se encontrava os pecados que poderiam ser cometidos (FALBEL, 1976).

se encontravam na Igreja Católica, a qual eles demonizavam. Para isso agiam brutalmente objetivando combatê-la.

O ataque albigense foi somente o principal de um grande número de ataques, todos eles advindos da concepção maniqueísta de uma dualidade no Universo [...]. Intimamente relacionado com essa ideia e inseparável dela estava a concepção de que a matéria é má e que todo o prazer, especialmente o corporal, é mau (BELLOC, 2009, p. 23).

Só reiterando a ideia de pecado para a doutrina cátara, uma vez que tudo quanto fosse oriundo da matéria estaria fadado a corromper-se. No entanto, existindo um rol de práticas consideradas pecaminosas havia uma que, segundo os cátaros, era imperdoável: trata-se da reconciliação com a Igreja Católica<sup>18</sup>. Pode-se dizer que a Igreja Católica não deixou com que essa doutrina se propagasse pela Europa do século XII, porquanto ela se organizou para sufocar esse movimento, utilizando-se de todos os seus artifícios que dispunha.

O caso dos valdenses<sup>19</sup> tem uma característica comum no que se refere às heresias forjadas no século XII, a saber: a opulência e o poderio da Igreja eram constantemente alvo dos questionamentos destes hereges. Portanto os valdenses possuíam um desejo de restituir a vida pobre de Jesus e que, por sua vez, os seus ensinamentos eram apregoados na Igreja primitiva. Objetivando angariar o apoio do máximo de adeptos, eles saíam em um trabalho “evangelístico” anunciando a proposta dessa nova ordem espiritual na qual se opunham à Igreja Católica.

Seu líder Pedro Valdo, um rico comerciante, ficou perplexo ao ler as escrituras sagradas, tanto é que mudou repentinamente suas práticas tão rotineiras em nome desse novo projeto de vida que decidira viver a partir daquela fatídica leitura. E não demorou muito para que pudesse galgar maiores conquistas desde sua decisão radical. Segundo Falbel (1976, p. 61), os valdenses “[...] dedicavam-se à pregação da palavra de Deus sem a autorização eclesiástica e arvoravam-se em juízes dos costumes do clero, o Arcebispo de Lyons proibiu que pregassem e banuiu-os”, isso só reafirma o quanto a Igreja desaprovava tais apregoações deturpadas por parte dos valdenses que daí em diante contraíram o repúdio clerical.

Os “irmãos” e “irmãs” valdenses foram, então, obrigados a retirar-se para a vida clandestina, recolhendo-se secretamente sequazes e simpatizantes (*amici*,

<sup>18</sup>“Os albigenses não fugiam à regra. Todas as heresias consideravam aquele pecado imperdoável” (BELLOC, 2009, p. 88).

<sup>19</sup>“Os valdenses, ou Homens Pobres de Lyon, apresentavam muitas semelhanças com os franciscanos, a quem o papa Inocêncio III aceitaria e usaria em prol da Igreja. Suas congregações eram recrutadas principalmente entre o campesinato e habitavam áreas rurais isoladas” (LOYN, 1997, s/p).

*credentes*) entre os seculares que lhes ofereciam comida ou hospitalidade, pois eles mesmos, como os Perfeitos, haviam renunciado ao trabalho manual e dedicavam-se com exclusividade à pregação ambulante e à assistência pastoral de seus adeptos. Cumpriam o tríplice voto da pobreza, da castidade e da obediência aos superiores, isto é, ao próprio Valdo, como a um encarregado de Deus [...], e aos bispos, presbíteros e diáconos por ele ordenados. As Sagradas Escrituras, que traduziram para as línguas vulgares e que recomendavam calorosamente para leitura, tinham o valor de norma doutrinal absoluta e de código jurídico” (FALBEL, 1976, p. 62).

A doutrina valdense se configura a partir dos questionamentos da opulência e do poderio clerical. Nos tempos de Constantino a Igreja estava distante dessas adjetivações que, para os seguidores dessa corrente herética, era similar aos tempos da Igreja primitiva. Esse cenário mudaria completamente quando o Papa Silvestre ganha uma possessão temporal desvirtuando todas as práticas consideradas corretas, transformando o ideário ortodoxo da Igreja em um conjunto doutrinário deplorável na perspectiva dos valdenses.

Os valdenses enfrentavam muitos conflitos internos de cunho ideológico que culminaria na dissidência entre os “irmãos” da Lombardia e os “irmãos” da França, pois exigiam para si interesses particulares a respeito da doutrina amplamente pregada e difundida por Pedro Valdo. Para se ter noção das exigências feitas pelos irmãos, principalmente os da Lombardia, cabe aqui analisar as palavras de Falbel (1976, p. 62): “A seita valdense não conseguiu manter-se unida por muito tempo. Os valdenses lombardos queriam ter, malgrado a oposição de Valdo, a eleição e a ordenação de seus próprios pastores e conservar as suas próprias associações de artesãos [...]”. Desse trecho pode-se inferir que os humilhados da Lombardia desejavam trabalhar em troca de uma remuneração completamente em desacordo com os princípios dessa corrente herética.

Como se não bastasse havia os desejos por parte dos “irmãos” da França que mesmo praticando o conjunto doutrinário elaborado por Pedro Valdo ainda possuíam uma certa ligação com Igreja Católica, algo que jamais poderia ser aceito dentro da comunidade valdense. Ainda no quesito doutrinário, os valdenses lombardos relutavam contra a validação dos sacramentos praticados pela Igreja Católica, levando adiante essa rejeição, ou melhor, difundindo-a em várias regiões da Europa. Não se pode negar o avanço estupefato dessa seita que organizava sua Igreja em uma hierarquia tríplice: diácono, presbítero e bispo<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> A Igreja dos valdenses organizava-se como base em uma hierarquia tríplice, na qual o bispo tinha por incumbência administrar os sacramentos de penitência; enquanto os presbíteros se encarregavam de

Duras críticas foram feitas à Igreja Católica, disso já estamos cientes, agora, é de grande importância salientar que, para os valdenses, ela não era a legítima Igreja de Cristo pelos motivos já apresentados ao longo deste artigo, pois esta estava mais para a “mulher marcada do Apocalipse” como declara Falbel (1976) ao se referir à Igreja de Roma do que qualquer outra postura de autenticidade. Dessa maneira, nada que viesse dela poderia ser aceito, nem mesmo se os santos sacramentos fossem impostos por ela sob pena de excomunhão, pois os valdenses já haviam se desvinculados dessa ala cristã.

Os valdenses, apesar das perseguições permanentes que sofreram durante toda a Idade Média, conseguiram, como se sabe, sobreviver [...]. Certas concepções da seita, como o fato de não aceitarem a autoridade eclesiástica e, conseqüentemente, negarem a autoridade papal, antecederam heresias posteriores que se prenderam nestes aspectos da Igreja para criticá-los com severidade (FALBEL, 1976, p. 65).

Estas não são as únicas heresias que existiram nesse período, haviam tantas outras com características peculiares e que serão observadas de maneira superficial para entendermos que nem todas as correntes heréticas surgem com o mesmo propósito, contudo partem das críticas destinadas as bases da ortodoxia da Igreja Católica, mesmo havendo algumas poucas exceções. Uma heresia que se encaixa nesses critérios são os Stedinger<sup>21</sup>, considerados heréticos pelo Papa Gregório IX, por recusarem-se a pagar os impostos ao Duque de Oldenburgo e, por isso, foram acusados pelo pontífice de práticas que contrariavam a ortodoxia da Igreja, servindo como motivo para que fosse empreendido uma Cruzada<sup>22</sup> contra eles. Para Falbel (1976, p. 23) essa heresia “[...]” está relacionada diretamente a uma situação social específica que não tem nada a ver exatamente com o dogma da Igreja “[...]”. Portanto, entende-se que as críticas, supostamente proferidas por esses heréticos contra a Igreja, foram apenas um subterfúgio para empreender um conflito bélico.

Uma certa heresia idealizada por Pedro de Bruys também merece atenção, pois centra suas críticas às práticas pertinentes à Igreja, não só pensa em um novo modelo para ela bem como passa a difundir-lo em suas pregações. É o que Falbel (1976) denomina como novo conceito de Igreja elaborado por Pedro de Bruys. Para este autor é um

---

ouvir as confissões dos fiéis, mas estava proibido de conceder o perdão; já o diácono tinha a função de auxiliar o maioral e os presbíteros na provisão material (FALBEL, 1976).

<sup>21</sup> Tinham descendência dos frísios e dos saxões. Foram acusados de não efetuar o pagamento dos impostos ao Arcebispo de Bremen, portanto desencadeou-se uma perseguição contra este movimento herético (FALBEL, 1976).

<sup>22</sup> “Guerra proclamada pelo papa em nome de Cristo e travada como iniciativa do próprio Cristo para recuperação da propriedade cristã ou em defesa da Cristandade contra inimigos externos ou internos” (LOYN, 1997, s/p).

conceito “destituído de toda materialidade” e “fundamentada somente na fé nos Evangelhos”. Os petrobrusianos, como eram denominados os seguidores dessa corrente herética, negavam a cruz como um símbolo tradicional do cristianismo, assim como rejeitavam o batismo das crianças por não acreditarem que elas possuísem uma fé pessoal consciente, entre outros elementos doutrinários.

Todos esses ensinamentos de Pedro de Bruys poderiam ser facilmente confundidos com os do Monge Henrique de Lausanne que, por sua vez também rejeitava o batismo destinado às crianças. “O batismo, nesse caso, é visto somente como uma identificação com a fé cristã, não precisando sequer ser feito com a unção, com a crisma e o óleo santo, mas bastando que se faça com água” (FALBEL, 1976, p. 28). Esse batismo ao qual se refere o autor é aquele proposto por Henrique que acreditava em um sentido de pecado original totalmente diferente do da Igreja, pois ele considerava que “[...] Adão e Eva pecaram por eles mesmos e seu pecado não se transmitira aos seus descendentes, uma vez que a responsabilidade dos atos é individual [...]” (FALBEL, 1976, p. 28).

Um caso herético, em particular, que demonstra total ligação a uma espiritualidade extremada cujo heresiarca atende pelo nome de Hugo Speroni, pautou essa orientação espiritual nas críticas ferrenhas contra o corpo eclesiástico. Os seus propósitos, como afirma Falbel (1976, p. 34), partiam da “[...] negação do sacerdote que, a seu ver, não pode exercer atribuições religiosas na medida em que também está sujeito aos pecados como qualquer ser humano”. Ainda segundo a doutrina do speronismo, a santidade não vem de maneira imediata quando se exerce alguma função no sacerdócio. O speronismo tinha outras características comuns com as de outras heresias como, por exemplo, não aceitar os sacramentos e algumas práticas litúrgicas da Igreja, em que Falbel (1976, p. 34) chega a declarar que “[...] sua doutrina assemelha-se em grande parte às ideias expostas mais tarde por Calvino, especialmente a ênfase dada à predestinação”.

O último caso a ser analisado aqui é o de Joaquim de Fiore, um Abade Cisterciense ligado à Igreja. No entanto, isso não o impediu que fizesse uma interpretação pessoal das escrituras sagradas, levando-o a questionar determinados conceitos elaborados pela Igreja bem como a sua hierarquia. De caráter apocalíptico e de um prognóstico reformista, era assim que se apresentava essa corrente herética para os que dessem ouvidos às suas palavras e ensinamentos. Esta heresia desenvolveu-se dentro da Ordem Franciscana. Falbel (1976, p. 72) descreve que ela surge “da intensa vida religiosa da Idade Média desenvolveu-se por volta dos meados do século XIII [...]”, e “que se

difundi amplamente e teve grande importância também no mundo laico [...], possuindo uma certa aceitação por parte de alguns líderes religiosos. Sua doutrina pode ser entendida da seguinte forma:

Joaquim não pôs a cristologia como centro de sua teologia da história, como até então se fizera, mas sim a Trindade. Segundo ele, as três pessoas em Deus corresponderiam à três épocas diversas (*status*) da história da salvação, contendo 42 gerações de 30 anos cada uma [...] a idade superior a Cristo, ou Idade do Pai [...]; a Idade do Filho [...]; enfim, a terceira e última idade, a do Espírito Santo e a dos monges [...] (FALBEL, 1976, p. 73).

Ao longo desse panorama geral pode-se perceber a multiplicidade de heresias e heresiarcas que surgiram no período medieval. A propósito, esse recorte temporal foi uma delimitação para sintetizar e abordar algumas das principais características dessas alternativas espirituais empreendidas tanto fora como dentro da Eclésia e que possuíram um certo destaque na desenvoltura da propagação evangelística nos séculos XII e XIII.

### **Eclésia versus Heresia: um conflito espiritual em tempos de mudanças**

Ao longo do artigo ficou claro quais foram as motivações que suscitaria na articulação dos movimentos heréticos e o inevitável embate contra a Igreja. De igual modo já é sabido a imponente da Igreja nos quesitos material e espiritual, elementos basilares para a sua consolidação como uma instituição poderosa no período medieval. Instituição essa capaz de moralizar toda uma sociedade e designar as orientações necessárias para uma boa estadia na terra.

A Igreja estava constantemente em guarda pelo receio de que a verdade dogmática fosse confundida com esta massa de fáceis crenças e com receio de que a exuberância da fantasia popular degradasse Deus. Mas podia ela opor-se a esta forte necessidade de dar uma forma concreta a todas as emoções que acompanham o pensamento religioso? Era uma tendência irresistível a reduzir o infinito ao finito, a desintegrar todo o mistério (HUIZINGA, 2006, p. 116).

Os clérigos só não contavam com o surgimento de alguns heresiarcas de dentro da própria Igreja, líderes que foram instruídos para guiar o povo no caminho celestial, porém no meio desse trajeto houve uma inclinação para os desejos materiais e para as interpretações livres das escrituras sagradas que culminariam em sua corrupção. Apesar do que, como afirma Huizinga (2006, p. 145), “a Igreja na Idade Média tolerava muitas extravagâncias religiosas desde que não conduzissem a novidades de espécie revolucionária em pontos de moral ou de doutrina”, mas, como vimos, a questão é que essas “extravagâncias” como destaca o autor passaram dos limites, inclusive infligindo

muitos dos princípios ortodoxos da Igreja, seja quando um membro interpretava as escrituras ao seu modo ou quando dedicava-se às conquistas materiais em detrimento da vida etérea.

Diante disso, a Igreja não poderia ficar de mãos atadas e permanecer apenas a contemplar a propagação das diferentes orientações espirituais surgidas, principalmente, nos séculos XII e XIII. A atitude da Igreja perante a ascensão das correntes heréticas é descrita por Vauchez (1995, p. 104) como “a verdadeira resposta do cristianismo ao desafio das heresias dualistas não foi a Inquisição<sup>23</sup>, mas a elaboração de uma espiritualidade [...]”. Precisavam agir e não poderia ser de maneira desordenada, para isso era necessário o afastamento de tudo aquilo que servia de respaldo aos heresiarcas, mas como fazer isso se os próprios fiéis já desejavam em seus corações coisas mundanas? A ideia seria uma adaptação da Igreja às novas exigências, no entanto, ela não se igualaria ao mundo, pois este era pecaminoso.

No século XII, a evolução da sociedade e das mentalidades começou a tornar caducas essas oposições radicais. Muitos fiéis aspiravam a viver sua vocação cristã no seio do mundo, sem ter que renegar os valores fundamentais do seu estado. Desse confronto por vezes violento entre o ensino teórico, cada vez mais inadaptado às realidades, e as experiências concretas vividas pelos leigos procedem as tensões fundamentais que marcaram a vida espiritual do Ocidente no século XII (VAUCHEZ, 1995, p. 104).

A solução se encontrava no combate aos movimentos heréticos e algumas reformulações dentro da própria instituição. Essas reformulações vinham através dos concílios ou sínodos que eram realizados com o intuito de passar a limpo tudo o que ocorria dentro da Igreja, sobretudo colocar em debate questões teológicas que intrigavam o corpo eclesial. Dentre essas questões teológicas estavam as heresias que a todo custo tentavam levar a comunidade cristã ao colapso, visando pôr em xeque a integridade espiritual dos seus líderes e representantes clericais.

Uma outra maneira de combater as heresias era através da palavra, ou seja, do uso das escrituras sagradas como foi o caso dos dominicanos<sup>24</sup> que se tornaram os verdadeiros apologistas da Igreja. Para Vauchez (1995, p. 135), “o objetivo que eles visavam era ao mesmo tempo simples e grandioso: ‘Falar com Deus e de Deus’. Para isso,

---

<sup>23</sup> “A fundação da Inquisição papal pode ser diretamente atribuída ao papa Gregório IX que, em sua bula *Excommunicamus*, estipulou procedimentos pelos quais inquisidores profissionais seriam enviados para localizar hereges e persuadi-los a se retratarem” (LOYN, 1997, s/p).

<sup>24</sup> “Os dominicanos estavam intelectualmente preparados para combater a heresia, [...], sendo a Inquisição medieval descrita frequentemente como a Inquisição Dominicana [...]. O papel pastoral dos dominicanos deu uma contribuição igualmente significativa para a luta contra a heresia” (LOYN, 1997, s/p).



não hesitaram em dar prioridade ao trabalho intelectual sobre a vida conventual e a liturgia”. Dito de outro modo, eram verdadeiros servos que levariam a mensagem divina para os que precisavam ouvi-la. Os pregadores, como os dominicanos também eram conhecidos, se incumbiram em combater os movimentos heréticos pelas escrituras. Isso fez com que eles se dedicassem nos estudos litúrgicos e nos princípios doutrinários da Igreja afim de defendê-la.

Convencido de que a mensagem cristã só seria crível se fosse apresentada na humildade e na pobreza, quis que os Pregadores fossem uma ordem desprovida de possessões fundiárias e de rendas fixas [...]. Para ele, ela constituía antes de tudo uma arma contra a heresia e uma condição, necessária, mas suficiente, para que o testemunho dos pregadores católicos fosse recebido e compreendido pelas massas (VAUCHEZ, 1995, p. 135-136).

“Uma das funções da Igreja e dos seus tribunais é a luta contra a heresia. Toca-se aqui numa característica essencial da vida medieval, que frequentemente fez escândalo depois” (PERNOUD, 1997, p. 89), a forma como funcionava esse sistema poderia variar de acordo com as acusações dos suspeitos, ou seja, a aplicabilidade das penas poderia ser distinta dependendo da condição do acusado. Os suspeitos poderiam passar por uma série de julgamentos nos tribunais eclesiásticos que, caso culpados, deveriam ser condenados a praticarem penitências. Agora, se algum suspeito fosse culpado de praticar crimes graves, conforme declara Pernoud (1997, p. 90), ele seria “entregue ao braço secular” e sofreria as sanções civis:

É sob uma acção semelhante dos poderes laicos, desviando-se em seu favor, e para fazer um instrumento de dominação das medidas de defesa tomadas pela Igreja – por vezes, entende-se, com a cumplicidade de certos eclesiásticos isolados: – que a Inquisição adquiriu a sua deplorável reputação. Contudo, ela só teve um carácter verdadeiramente sangrento e feroz na Espanha imperial do início do século XVI.

Não obstante a existência de conflitos entre os poderes temporal e espiritual no que se refere ao quesito das Investiduras, pode-se destacar alguns monarcas que também contribuíram, direta ou indiretamente, no combate às heresias. Um desses monarcas é o que Pernoud (1997, p. 89) descreveu como “o primeiro soberano que aplica aos heréticos condenados a ser entregues ao braço secular a pena de fogo, é o imperador Frederico II; podemos admirar-nos disso, visto que sabemos que o personagem era bem pouco cioso da ortodoxia”, mas Frederico II<sup>25</sup>, já anunciado anteriormente, era impiedoso e assim

---

<sup>25</sup> “Filho do imperador Henrique VI e de Constança de Sicília, e neto de Barba-Ruiva, foi oferecida a Frederico em 1212 a Coroa imperial pelos príncipes da Alemanha que se opunham ao governo de Oto IV; em 1220, estabeleceu aí o seu governo e foi coroado imperador” (LOYN, 1997, s/p).

como os membros da Igreja ele temia o avanço dos heréticos e que estes ameaçassem a sua soberania, contudo nada que apagasse os seus feitos para com o papado. A relação entre a Igreja e os monarcas foi capaz de empreender duas Cruzadas contra os albigenses, uma de cunho espiritual (1147-1209) e outra de caráter militar (1209-1229), uma vez que o propósito dessas expedições estava claro: extinguir a corrente herética dos cátaros.

O auge da aliança entre papado e os poderes temporais contra os movimentos heréticos se materializa na violenta Cruzada Albigense, contra os cátaros do sul da França. [...] os interesses temporais e eclesiásticos se associam, e os cátaros são violentamente reprimidos com a tomada de castelos e propriedades que os acolhiam (BARROS, 2012, p. 43).

### Considerações Finais

Agora temos conhecimento de que os movimentos heréticos que marcaram os séculos XII e XIII, surgiram de diversas maneiras e com propósitos distintos, mas sendo o suficiente para que a Igreja estivesse, quase sempre, em estado de alerta para combatê-los. Os heresiarcas que propagavam suas teorias nem sempre eram pessoas desvinculadas com a ala cristã ou com o sacerdócio, muito pelo contrário, haviam clérigos que faziam leituras ao seu modo e concluíam que dentro da instituição existiam muitas incoerências com as escrituras sagradas, sendo esta uma das motivações para que formulassem teorias heréticas. Não obstante, as reformulações necessárias que a Igreja juntamente com o corpo eclesiástico precisou fazer não foi o bastante para conter a corrupção dos clérigos que estavam entregues às posses materiais e às riquezas.

Como foi observado até aqui, motivações não faltaram para que os heréticos se apoiassem nelas, mas o impressionante é que boa parte dessas motivações vieram dos próprios membros da Igreja, cujas ações destoavam totalmente das suas pregações. A reação da Eclésia foi de diversas maneiras e múltiplas medidas tomadas contra o avanço dessas orientações espirituais que ameaçavam tanto a ortodoxia da Igreja como a sua integridade. Seja o embate através da palavra como foi no caso do apoio dos dominicanos que a defenderam com as mensagens bíblicas, seja pelo uso da força bélica ou do braço secular como foi o caso da Cruzada contra os albigenses e até das atitudes de Frederico II, o fato é que a Igreja não deixaria os hereges impunes a vaguearem pela Europa.

É importante reiterar que a análise feita sobre o conceito de heresia reflete imediatamente na compreensão deste trabalho, pois sem ela debandaríamos totalmente do propósito do artigo. Ao longo desse texto depreende-se que os movimentos heréticos se comportaram de maneiras distintas, pois “produziram estratégias e práticas,

mecanismos para se legitimar no meio social [...]” (BARBOSA, 2019, p. 134) e alcançar a adesão do maior número possível de seguidores em oposição aos dogmas da Igreja cristã. Em contrapartida, a Igreja se revestiu de ardilosidade para sufocar os movimentos heréticos evitando a propagação do ideário subversivo. Portanto, eis aí as várias facetas da espiritualidade medieval que põe frente a frente interesses distintos nos quais tanto a Igreja quanto os movimentos heréticos nutriam em seu âmago.

“Vivemos hoje sob o regime da heresia. A única coisa que distingue este dos antigos períodos de heresia é que o espírito herético está generalizado e aparece de várias formas” (BELLOC, 2009, p. 19). Desse modo, pode-se inferir que o espírito herético ainda paira em nossos dias, embora poucos percebam ou tenham a destreza de abordá-lo quer porque não tenham o total domínio sobre o assunto, quer porque ainda se encontram imersos na insipiência sendo impedidos de ter o acesso ao entendimento acerca dessa temática. Uma coisa é certa que este tema ainda suscita interesse aos estudiosos.

---

#### THE HERETICAL PRACTICE IN FRONT OF THE ECCLESIASTICAL REPUDIATION DURING THE LOW AVERAGE AGE

**Abstract:** The heresies which arose in the 12th and 13th centuries, a period that is inserted in the low average age, are phenomena that puts into question the spiritual power of the Church, who decided to take some action in which aim since the use of the sacred scriptures until the projection of military conflicts to contain their advances and preserve their integrity. From the understanding of Nachman Falbel and Hilaire Belloc about the concept and some examples of heretical currents we understand its amplitude. Similarly, the analyzes carried out on the basis of theoretical in relation to power and splendor of the Church, as well as their reaction against the heretical movements that will drive the assimilation of this article. Therefore, we seek to understand this whole plot of the various facets that comprise the medieval spirituality.

**Keywords:** Heresy. Church. Low Average Age.

---

#### Referências

BARBOSA, Tatiane Leal. As Heresias Medievais e sua influência social: sob a repressão da Igreja Cristã do Ocidente – Séculos XII – XIII. **Revista Eletrônica de Antiguidade e Medievo**. Rio de Janeiro. n. I, v. XI, p. 130 – 152, 2019. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/nearco/article/view/40623>>. Acesso em: 29 mar. 2020.

BARROS, José D’Assunção. **Papas, imperadores e hereges na Idade Média**. Petrópolis: Editora Vozes, 2012.

BELLOC, Hilaire. **As Grandes Heresias**. Tradução de Antônio Emílio Angueth de Araújo. Niterói: Editora Permanência, 2009.

CRUZ, Rosana Brito da. Ortodoxia e Heterodoxia: os debates e conflitos em torno das heresias nos primeiros séculos. **Revista Mundo Antigo**. Rio de Janeiro. v. 4, n. 08, p. 147-163, dez. 2015. Disponível em: <<http://www.nehmaat.uff.br/revista/2015-2/artigo07-2015-2.pdf>>. Acesso em: 28 mar. 2020.

FALBEL, Nachman. **Heresias Medievais**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1976.

HUIZINGA, Johan. **O Declínio da Idade Média**. 2 ed. Lisboa: Ulisseia, 2006.

LE GOFF, Jacques. **O Imaginário Medieval**. 3 ed. Lisboa: Editorial Estampa, 1994.

LOYN, Henry Royston. (Org.). **Dicionário da Idade Média**. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

OLIVEIRA, Carlos Augusto Ferreira de. A Cristandade: um modelo eclesial de poder. **Fragmentos de Cultura**, Goiânia, v. 21, n. 4/6, p. 309-318, abr./jun., 2011. Disponível em: <<https://bityli.com/iVVFN>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PERNOUD, Régine. **Luz Sobre a Idade Média**. Tradução de António Manuel de Almeida Gonçalves. Portugal: Publicações Europa-América, 1997.

SOUZA, Armênia Maria de. **A sociedade medieval no Estado e pranto da Igreja de Álvaro Pais, Bispo de Silves (1270-1349)**. 1999. 241 f. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Departamento de História, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1999. Disponível em: <<https://bityli.com/sNtL7>>. Acesso em: 15 jun. 2020.

VAUCHEZ, André. **A espiritualidade da Idade Média Ocidental (Séc. VIII-XIII)**. Tradução de Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

VICENTINO, Cláudio. **História Geral**. 8 ed. São Paulo: Scipione, 1997.

---

#### SOBRE O AUTOR

**Alexandre Firmo dos Santos** é graduando em História pela Universidade Federal de Sergipe (UFS).

---

Recebido em 12/04/2020

Aceito em 23/07/2020